



MURILLO DE ARAGÃO

Por Murillo de Aragão

SEGUINDO

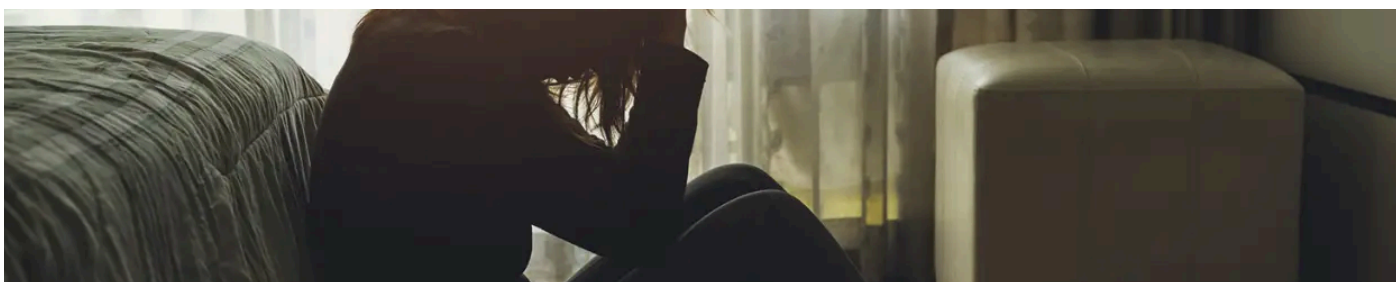
BRASIL

Um país em depressão

Quando a política e o estresse psicológico se encontram

Por Murillo de Aragão

29 Maio 2026, 06h00 | Atualizado em 29 Maio 2026, 11h26 | veja



A fadiga democrática deixa de ser metáfora para ganhar número de catálogo médico (iStock/Getty Images)

Assinantes aproveitam mais conteúdo, com menos anúncios.



SUPER INTERESSANTE



Intoxicações por agrotóxico banido na Europa crescem 1.100% em 8 anos no Brasil



Conexões: do Timão (da Disney) ao Timão (Corinthians)



Priorizar nos meus resultados Google

LER RESUMO



Ouvir texto



0:00 1.0x

A coincidência cronológica é demasiado precisa para ser fortuita. Em 2013, ano em que as “jornadas de junho” inauguraram o ciclo de polarização permanente no Brasil, a Pesquisa Nacional de Saúde registrava prevalência de 7,6% de depressão diagnosticada entre adultos. Em 2019, o índice foi a 10,2% — 16,3 milhões de pessoas. Em 2022, no inquérito Covitel, da UFPel, chegou a 13,5%. Em seis anos, alta de 34%. Em uma década, quase dobrou. Nesse período, o país atravessou Lava-Jato, impeachment, recessão histórica, eleição de 2018, pandemia, eleição de 2022 e o 8 de Janeiro.

Pode ser coincidência. A hipótese, contudo, merece exame. Há quatro vetores convergentes. O primeiro é institucional. A partir de 2013, a Pentarquia do Poder (Executivo, Congresso, **STF**, agências e mercado/mídia) deixou de operar em colisão controlada e passou ao conflito aberto, espetacularizado, permanente. A imprevisibilidade institucional, antes restrita a momentos de crise, tornou-se condição normal de funcionamento. O cidadão perdeu a sensação de que as regras do jogo são estáveis. Essa erosão da previsibilidade é, em si, um estressor crônico.

O segundo vetor é econômico. A recessão de 2015-2016 — queda de quase 7% do PIB, a maior da história republicana — produziu desemprego estrutural, endividamento das famílias e queda persistente de renda. A literatura epidemiológica é robusta: desemprego prolongado é preditor confirmado de depressão. A camada pandêmica veio depois, somando-se a tudo. A Organização Mundial da Saúde estimou alta global de 25% na prevalência de ansiedade e depressão apenas no primeiro ano da covid-19.

SIGA

ENTRAR NO CANAL

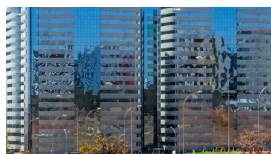


LEIA MAIS



veja

O que fazer com a “bomba humana”? Um enorme problema europeu



veja

BRB trabalha com prazo 26 dias além do limite dado pelo BC

José Casado

veja

Milei insulta Lula e desvia atenção do aumento da pobreza na Argentina

Abriu



veja SAÚDE

T.G.: o que e quais o

“A democracia não funciona sem cidadãos psicologicamente disponíveis para o debate”

O terceiro vetor é a insegurança. Não a estatística criminal em si, que recuou em relação ao pico de 2017, mas o medo difuso que se instalou no cotidiano. Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o país teve 46 328 mortes violentas

intencionais em 2024 — taxa de 21,7 homicídios por 100 000 habitantes —, mantendo o Brasil entre os países mais violentos do mundo fora de zonas de guerra. Em dezembro de 2025, a segurança ultrapassou a economia como a segunda maior preocupação nacional, atrás apenas da saúde. Vive-se em estado de alerta de baixa intensidade, e o organismo paga o preço.

O quarto vetor é o substrato comum: a arquitetura algorítmica das redes sociais. A exposição contínua à indignação programada (e à circulação de imagens de violência, que amplifica os vetores anteriores) mantém o organismo em estado permanente de defesa, com produção de cortisol e adrenalina. O sistema nervoso não foi desenhado para operar em alerta perpétuo. A implicação política, incontornável: nenhuma democracia funciona sem cidadãos psiquicamente disponíveis para o debate.

A polarização deixou de ser só um problema político. Tornou-se questão de saúde pública. Os quatro vetores convergem sobre o mesmo corpo social, e nele se inscrevem. Quando a Classificação Internacional de Doenças da OMS registra a depressão sob o código F32, e quando 13,5% dos brasileiros nele se enquadram, a fadiga democrática deixa de ser metáfora para ganhar número de catálogo médico. Esse é o ponto em que o sofrimento social difuso vira estatística clínica — e em que a política, queira ou não, terá de responder a ele também como tal.

Publicado em VEJA de 29 de maio de 2026, **edição nº 2997**

EM ALTA



1 Quem é Marco Furlan, ex-ator da Globo acusado de estuprar criança de 5 anos



2 O trabalho do ator Marco Furlan na Globo, agora acusado de estupro de criança



3 Família atualiza estado de saúde de ex-apresentador da Globo após 'surto'



4 A nova disp Bolso

TAGS: POLÍTICA

Assine Abril

Veja Negócios

Veja

Guia Do Estudante

Superinteressante

Quatro Rodas

Você RH

Veja

OFERTA RELÂMPAGO

A PARTIR DE R\$ 7,99/MÊS

OFERTA DIA DOS PAIS

A PARTIR DE R\$ 9,90/MÊS

OFERTA RELÂMPAGO

A PARTIR DE R\$ 1,99/MÊS

OFERTA DIA DOS PAIS

A PARTIR DE R\$ 9,90/MÊS

OFERTA DIA DOS PAIS

A PARTIR DE R\$ 9,90/MÊS

OFERTA RELÂMPAGO

A PARTIR DE R\$ 7,99/MÊS

OFERTA

A PAR 7,9

QUEM ASSINA TEM MAIS VANTAGENS